

TEMOS O PRAZER DE APRESENTAR:



O JORNAL DO CAEP
31/05/17

SUMÁRIO

Utilidade Pública: Adoção do ENEM na Poli	pág. 03
Fique por Dentro: Ambev	pág. 06
Figuras da Poli: Vindos do Nordeste.....	pág. 07
Playlist: Esquentando Capitu.....	pág. 08
Diário do Intercambista: Processo Seletivo.....	pág. 09
Entre Aspas: Arthur Salles	pág. 11
Nossa Sugestão: Castelo Rá-Tim-Bum	pág. 14
Série da Vez: Friends vs How I Met Your Mother	pág. 15
Você sabia?: Muro na Raia	pág. 16
CAEP Informa: O Freezer da LivUp	pág. 17
Lista: Tretas na Poli	pág. 18
Grupo de Extensão: Os tesouros da salinha preta	pág. 19
Coluna Extra: Ricardo Costa	pág. 20
Joguinho: Qual é a série?	pág. 24

ADOÇÃO DO ENEM NA POLI UTILIDADE PÚBLICA

Por Fernando Ferri, Flavia Barochel, Giuliana Zugliani e Lucas Freiria

Em 2016, pela primeira vez, a USP adotou o Sistema de Seleção Unificado (SiSU), que seleciona pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), como umas das formas de ingresso. Até então, além dos processos de transferência, o único meio de entrar na dita melhor universidade do país era através da tradicional prova de vestibular da Fuvest, que é aplicada apenas no estado de São Paulo. São 37 locais de prova sendo 21 deles na Região Metropolitana de São Paulo e 16 no interior do estado.

Nessa primeira experiência com a nova forma de ingresso, apenas algumas das faculdades da USP adotaram o ENEM, sendo muitas dessas duramente criticadas por exigirem uma nota mínima altíssima dos candidatos. Onze cursos não preencheram nenhuma das vagas oferecidas pelo SiSU e sete cursos as preencheram apenas parcialmente.

Em 2017, tentou-se corrigir algumas falhas do processo seletivo anterior. Nesse ano, muitas faculdades que já haviam aderido ao ENEM em 2016 baixaram a nota mínima necessária e outras, como a Poli, adotaram pela primeira vez o exame como forma de ingresso.

Cada faculdade da USP tem autonomia para decidir se e como aloca parte de suas vagas para estudantes que prestam o ENEM. Apenas três unidades da USP ainda não aderiram ao exame: o Instituto de Física (IF), a Escola de Engenharia de São Carlos (EESC) e a Faculdade de Medicina da USP (FMUSP). Para o vestibular 2016, a USP ofereceu 1.489 vagas pelo ENEM e 9.568 vagas pela Fuvest. Já em 2017, foram oferecidas 2.338 para candidatos do ENEM e 8.734 vagas para a seleção da Fuvest.

As faculdades da USP que aderiram ao SiSU puderam escolher que porcentagem de suas vagas destinariam para candidatos do ENEM e para que candidatos as vagas seriam oferecidas. Há três "categorias" para as quais as vagas podem ser oferecidas: Ampla Concorrência (AP), Ensino Médio cursado integralmente em Escola Pública (EP) e Pretos, pardos e indígenas (PPI).

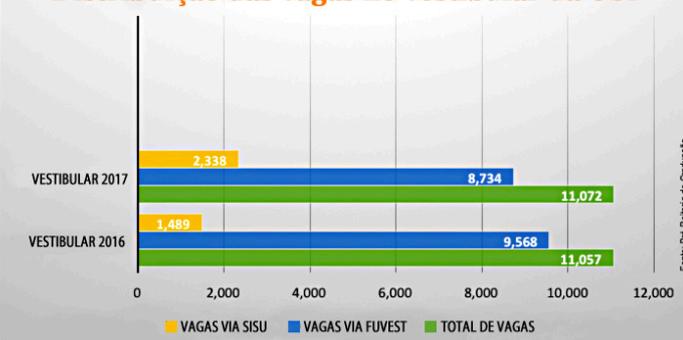
A intenção do SiSU ao oferecer vagas exclusivas para essas duas últimas "categorias" é de promover inclusão social. O acesso ao ensino superior, especialmente o público, é notoriamente elitista no Brasil. Na USP, especialmente nos cursos mais concorridos, é evidente a presença majoritária de estudantes brancos vindos de escolas particulares tradicionais do estado de São Paulo. O ENEM entrou na USP trazendo a possibilidade de uma maior diversidade étnica-racial, social e também geográfica (já que o ENEM é aplicado em todo o território nacional).

Algumas faculdades demonstraram um esforço notável de inclusão ao oferecerem porcentagens altas para estudantes cotistas através do SiSU. A Faculdade de Direito (FD-USP) ofereceu em 2017 20% de suas vagas pelo SiSU, sendo todas oferecidas na categoria EP. Os cursos de Filosofia e Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP) ofereceram 30% de suas vagas pelo SiSU, sendo um terço para a categoria EP e dois terços para a categoria PPI. A Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA-USP), muitas vezes lida como uma das faculdades menos socialmente diversas da USP, ofereceu 30% de suas vagas pelo SiSU, todas elas para a categoria EP.

A tabela completa de vagas para o curso vestibular da USP em 2017, com a distribuição detalhada de vagas por curso e modo de ingresso, pode ser conferida no link: <http://www.usp.br/imprensa/wp-content/uploads/TABELA-DE-VAGAS-VESTIBULAR-2017.pdf>.

Assim, democratização do ingresso na universidade através da adoção do ENEM perde gran-

Distribuição das vagas no vestibular da USP

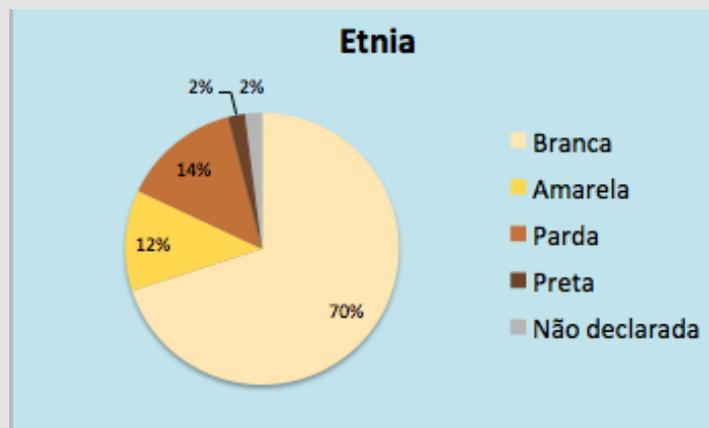
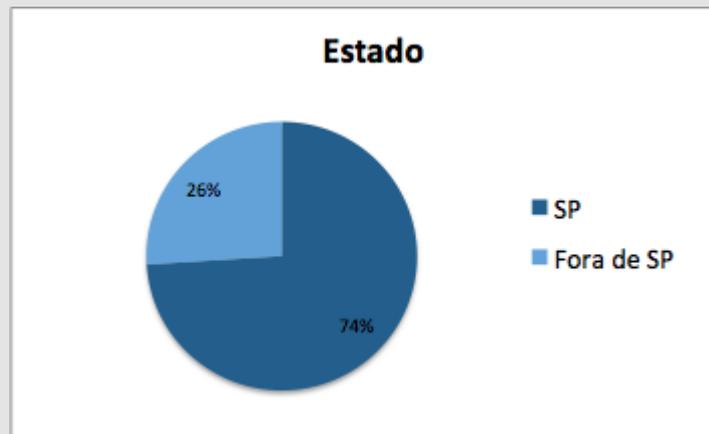


de parte de seu propósito quando todas as vagas oferecidas pelo SiSU são para ampla concorrência, como foi o caso da Escola Politécnica (EP-USP) em 2017. A Poli ofereceu 10% de suas vagas pelo SiSU, sendo todas para a categoria AP. Sem as cotas raciais e sociais, a única possibilidade teórica de diversidade que o ENEM oferece em relação à Fuvest é a diversidade geográfica, abrindo portas para estudantes de todo o país prestarem a prova de ingresso à Poli.

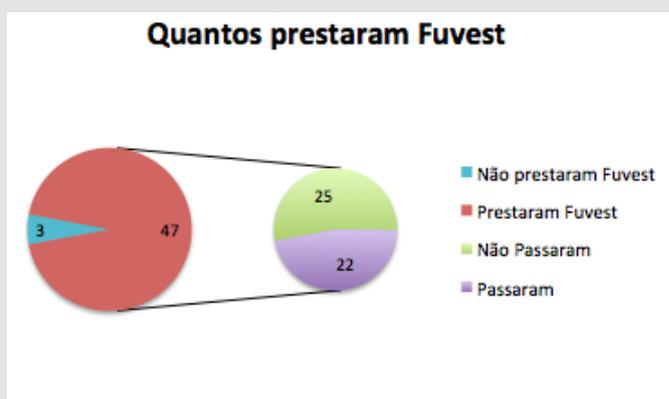
Pode-se argumentar ainda, que o oferecimento por parte da Poli de 10% de vagas para a ampla concorrência pelo SiSU torna a faculdade ainda mais elitista. Isso é porque, na Fuvest, existe um sistema de bonificação (Inclusp) para alunos de escola pública. Candidatos que realizaram apenas o ensino médio inteiramente em escola pública têm bônus de 12% nas notas da primeira e da segunda fase e estudantes que realizaram todo o ensino médio e fundamental em escola pública têm bônus de 15%. Além disso, caso os candidatos se autodeclarem pretos, pardos ou indígenas, eles têm mais 5% de bônus somados ao 15%. Assim, quando a Poli decidiu oferecer 10% de suas vagas pelo SiSU em ampla concorrência deixando agora só 90% na concorrência da Fuvest, ela tirou vagas que estavam disponíveis a estudantes beneficiários do Inclusp, que passam a ser oferecidas para livre concorrência, onde não se diferenciam alunos mais ou menos privilegiados.

A redação d'O Patrão buscou dados de todos os alunos ingressantes na Poli pelo ENEM 2017 para averiguar que diversidade de fato essas vagas do ENEM puderam trazer ao corpo discente da Escola. Tentou-se contatar todos os 85 ingressantes que, segundo o portal uspdigital (jupiterweb), se matricularam nos 12 cursos da Poli através do SiSU. Desses 85, conseguiu-se entrevistar 50, e os resultados estão apresentados a seguir.

Dos 50 entrevistados, 7 se identificaram como pardos, 1 como preto e nenhum se identificou como indígena. 37 ingressantes eram do estado de São Paulo e 13 de outros estados (Minas Gerais - 6, Paraná - 2, Espírito Santo - 1, Distrito Federal - 1, Mato Grosso do Sul - 1, Bahia - 1, Piauí - 1).



Outro dado interessante, que diz respeito ao ENEM como forma de dar oportunidade de ingresso na USP a estudantes que não têm acesso à prova da Fuvest, é a quantidade de ingressantes na Poli pelo ENEM que também fizeram a prova da Fuvest. Dos 50 entrevistados, 47 prestaram Fuvest e, desses, 22 foram aprovados na USP pelas duas provas - 20 na própria Poli.



O dado mais chocante é que dos 50 ingressantes, apenas 1 fez o ensino médio em colégio público. Os outros 49 estudaram em colégio particular, sendo que 4 relataram terem sido bolsistas.

Os dados coletados pela pesquisa abrem os olhos para a enganação que é a adoção do ENEM pela Poli como forma de trazer diversidade ao corpo

de alunos. Fica claro que o novo método de ingresso não promove nada além da manutenção do perfil de aluno já observado na Poli: branco, paulista, advindo de colégio particular.

O SiSU, da forma como é utilizado hoje pela Escola Politécnica, só dificulta o ingresso de estudantes de baixa renda, que poderiam se beneficiar de cotas. O ingresso pelo ENEM é elitista e tira vagas da concorrência pela Fuvest, que pelo menos conta com bônus para alunos do ensino público e PPI. O fato de que apenas 1 dos entrevistados veio de escola pública deixa claro que não há espaço no processo seletivo de vestibular da Poli para quem não pôde pagar um ensino particular.

Hoje, um estudante de escola pública que deseje estudar na Poli se vê lutando contra todas as probabilidades. Com uma simples mudança na distribuição de vagas de vestibular pelo SiSU, a Escola Politécnica já quebraria um ciclo de falta de oportunidades na vida de muitas pessoas. É claro que o buraco é mais embaixo, e que simplesmente oferecer cotas universitárias não resolve a situação de calamidade em que se encontra a educação pública no Brasil. Mas, atualmente, a Poli fica atrás de muitas outras faculdades da USP, que já perceberam que inserir estudantes menos privilegiados no meio acadêmico é um começo para promover a inclusão e a democratização do ensino superior no país. A mais notável escola de engenharia do Brasil não pode continuar se eximindo dessa responsabilidade social.

FONTES E INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Jornal da USP

<http://jornal.usp.br/universidade/usp-oferecera-2-338-mil-vagas-pelo-sisu-no-vestibular-2017/>

Guia do Estudante

<http://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/fuvest-saiba-como-funciona-o-sistema-de-bonificacao-do-vestibular/>

G1

<http://g1.globo.com/educacao/noticia/usp-divulga-notas-minimas-para-candidatos-conseguirem-vaga-no-sisu.ghtml>

A equipe d'O Patrão agradece imensamente todos os alunos que disponibilizaram seus dados para essa matéria.

Ficou Descabeçado COM a P2? Deixa que a gente cuida!

www.lliscare.com.br
#lliscare

A Ambev é uma empresa brasileira que foi criada em 1999 com a união da Cervejaria Brahma e da Companhia Antartica. Desde então ela vem conquistando cada vez mais espaço no mercado de bebidas no Brasil. Em 2004, a empresa foi adquirida pela belga Interbrew, e essa junção formou a InBev, maior cervejaria do mundo.

Em 2008, a Inbev adquiriu a cervejaria americana Anheuser-Busch e tornou-se AB InBev. Atualmente, a Ambev está presente em 19 países, possui 30 marcas de bebidas e entrou no setor de sucos com a aquisição da marca brasileira Do Bem.

Fazendo jus ao próprio lema, “juntos por um mundo melhor”, a empresa mantém um setor que opera visando o bem comum da sociedade em conjunto à exposição e ampliação da sua marca. Ela também é conhecida por ter uma cultura de execução de alta performance em que o trabalho duro e a busca pela melhora constante prevalecem, tudo isso pautado em muito foco.

Além disso, graças a toda a sua estrutura, oferece oportunidades nas mais diversas áreas de atuação e também possibilita que seus funcionários trabalhem em uma das muitas filiais espalhadas pelo mundo, desde que sua eficiência seja comprovada pelos seus resultados entregues à empresa.

ambev

Conversamos com um estagiário da AmBev e essas são as impressões dele:

“Na AmBev, a rotina e a relação do funcionário com a empresa têm total conexão com o modo de trabalhar e pensar do empregado, sendo que é um ambiente cercado por pessoas muito boas e apaixonadas pelo o que fazem.

O ambiente tem a cultura de estimular uma noção de parceria, para que os trabalhadores tenham

a perspectiva de que podem se tornar sócios da empresa e suceder os seus chefes futuramente, numa relação que visa a transmissão de conhecimento entre os que já estavam lá e os que chegam. Os funcionários dos mais altos escalões estão preocupados com o seu desenvolvimento pessoal e te ajudam a se tornar a melhor versão de si mesmo, independente de quão ocupados eles estejam.

Dessa forma, quem está disposto a ficar no trabalho além do seu expediente comum, a responder e-mails no fim de semana e a aceitar a pressão e os desafios que lhe são expostos, está suscetível a evoluir na empresa e se sentir como parte vital dela, entendendo sua própria importância para a manutenção das práticas da AmBev e para seu constante crescimento.

Existe, dentro da empresa, um investimento alto no crescimento intelectual dos funcionários e na sua aceção aos ideais da AmBev. A ideia é fazer com que cada um saiba os planos da empresa e se sinta realmente importante no panorama do desenvolvimento dela, criando um senso de dono, de responsabilidade e de conhecimento que não é habitual em funcionários que não sejam de cargos de chefia em outras empresas.

Além disso, é muito gratificante trabalhar em uma empresa brasileira que conquistou o mundo e cujo modelo de gestão dos fundadores é conhecido internacionalmente.”

Xerox do CAEP

No Xerox do CAEP você encontra:

Impressão e Cópias : preto e branco e colorida

Encadernação : espiral e capa dura

Plastificação

Banner

Flyer / Folder / Cartão de visita

Digitalização

DHL : envio de encomendas

" O meu pai era paulista
Meu avô, pernambucano
O meu bisavô, mineiro
Meu tataravô, baiano
Meu maestro soberano
Foi Antonio Brasileiro "

O Brasil, cantado por Chico Buarque, é uma nação de misturas marcada, no século passado, por grandes migrações regionais, as quais acrescentaram mais cores à já colorida aquarela étnica brasileira. Dentre esses fluxos, o de migrantes vindos do Nordeste para outras regiões talvez seja o mais significativo, a ponto de, na cidade de São Paulo, ser comemorado, no dia 8 de outubro, o Dia do Nordestino

Nesse cenário, é impossível escrever sobre os funcionários da Poli sem considerar esses migrantes, que compõem grande parcela dos trabalhadores da USP. Na pressa do dia-a-dia, por vezes se esquece de que, por trás de um "bom-dia" sorridente de um recepcionista ou de um segurança, existem histórias muito interessantes não contadas. Almejando compartilhá-las, foram entrevistados cinco contratados da Poli com raízes no Nordeste, entre nordestinos de nascença e filhos de nordestinos, os quais relataram suas trajetórias de vida, desde as origens até hoje.

Gildenes Santos, 32 anos, é sergipano de Simão Dias. Hoje, vem de carro próprio para seu trabalho como segurança na Poli, porém nem sempre foi assim. Na infância, acordava às 4 da manhã para ajudar seus avós na roça, capinando e cuidando das vacas antes de ir para a escola, de tarde. Conseguiu terminar seu ensino médio, mas não ingressou no ensino superior. Seus pais já moravam em São Paulo, o que contribuiu para que, aos 20 anos de idade, viesse também para a "terra da garoa", onde conheceu uma baiana com quem casou e formou família.

"Quem construiu São Paulo foi o nordestino", afirma, orgulhoso de suas origens, para em seguida criticar o preconceito contra os migrantes que observa em sua atual cidade. Conside-

ra o povo em sua terra natal mais acolhedor, entretanto, é grato à condição financeira que São Paulo pode oferecer. "Dinheiro no Nordeste é o mínimo. No tempo da seca, comida é escassa", constata.

Oziel Ferreira, 65 anos, nasceu e cresceu em Recife, Pernambuco. Muito jovem, perdeu seu pai, vítima de um acidente ferroviário, fatalidade que fez com que sua mãe precisasse criar cinco filhos sendo viúva. Aos 14 anos já trabalhava e, aos 17, entrou na Marinha, instalando-se na cidade do Rio de Janeiro, onde conheceu sua atual esposa. O Brasil vivia a linha dura nos anos 1970, o que Oziel sentiu quando foi classificado como "comunista" por seus superiores na hierarquia militar. Para escapar da insegurança e da repressão, decidiu migrar novamente, dessa vez com sua companheira, com destino a São Paulo.

Na nova cidade, após muitas dificuldades, conseguiu se estabelecer e hoje trabalha como recepcionista no térreo do biênio. Possui uma filha, a qual faz mestrado no IME-USP, e um filho, formado em jornalismo na ECA-USP. Em seu emprego, afirma que o que mais gosta é de poder conversar com várias pessoas de perspectivas distintas. Afirma que nordestinos compõem parcela significativa dos funcionários da Poli, acrescentando, porém, que as funções por eles desempenhadas não costumam ser as mais valorizadas. Descreve-se como um grande entusiasta do Cursinho da Poli, iniciativa que estimula a inclusão social na USP.

Vanderson, 29 anos, controlador de acesso na Poli, faz parte da primeira geração de sua família materna em São Paulo. Filho de um paulista e de uma pernambucana, considera que a cultura de paulistano tem muita influência em sua vida. Ainda assim, carrega na memória e no sotaque os vestígios do passado de sua família. Como muitos nordestinos que migraram para as terras paulistas, a família de Vanderson buscou aqui melhor qualidade de vida, enfrentando muitos obstáculos no caminho. Seus pais não completaram os anos de escola, porém Vanderson está nos últimos semestres do curso de Letras e pretende especializar-se na língua inglesa. 07



Seu sonho, contrariando todas as adversidades, é tornar-se professor de inglês da USP. “Ter um sonho, ter bons exemplos e ter uma referência te ajudam a seguir em busca daquilo que você quer”, afirma.

Rozenilda, 50 anos, recepcionista, é natural de Pernambuco, onde viveu até os seus 20 anos. Decidiu mudar-se para São Paulo devido às duras condições de vida de uma família de 7 filhos e pais separados. Chegando aqui, no entanto, encontrou-se em um cenário adverso: dormiu em caixas de papelão no chão e recorreu a ajuda de seu tio, que cedeu sua casa.

“A gente veio com a cara e com a coragem. Mas hoje eu posso dizer que sou abençoada”, afirma Rozenilda. Hoje, sua realidade é completamente distinta: é independente, possui emprego, casa própria e visita Pernambuco ao menos duas vezes por ano.

Apesar de não pretender retornar ao Nordeste, Rozenilda sente falta da cultura acolhedora e humilde de seus conterrâneos, de sua família, da paisagem litorânea de Recife.

Lima, 32 anos, nascido em São Paulo, é segurança terceirizado da Poli, fruto da união de um metalúrgico e de uma dona de casa pernambucanos. Seus pais, originalmente de Altino, Pernambuco, vieram para São Paulo no começo dos anos de 1980 em busca de melhores condições de vida. Trabalhou como motoboy, segurança pessoal de família, perueiro, cobrador de lotação e vendedor de doce. Após sofrer acidente de moto, decidiu ingressar no ramo de segurança, onde está empregado até hoje. Quando questionado sobre a manutenção da cultura do Nordeste aqui, disse que ainda comemora Dia de São João e o Dia de Santo Antônio. Volta para o Nordeste todo ano para ajudar sua tia a montar a fogueira

de Santo Antônio. Lá, gosta de comer as comidas típicas, como batata assada no milho, pé-de-moleque, quentão e cural. Segundo ele, essas comemorações são familiares e não ocorrem entre a comunidade de funcionários nordestinos na Poli. Considera a aculturação dos migrantes do Nordeste em São Paulo bem intensa.

Existe aquele que sonha em ser professor da USP. Existe, também, aquele que migrou para despistar oficiais militares na ditadura. Existe aquela que já dormiu em caixas de papelão e hoje é senhora de sua vida. Relatos ricos e diversos daqueles que vieram do Nordeste para construir sua identidade em São Paulo. Nem sempre visíveis ao olho da rotina, histórias muito interessantes residem nas figuras do cotidiano, desde que se esteja disposto a escutá-las.

ESQUENTA CAPITU ^{PLAYLIST}

Por Shelly Barbosa

 Disponível no Spotify
Playlist: Capitu CAEP

- A CAPITU é uma festa universitária que foi idealizada em 2015 pelos membros do CAEP e estará de volta no dia 23 de junho de 2017, em sua terceira edição. Trata-se de uma festa que celebra a cultura brasileira e, em especial, a sua música. Aqui você encontra parte de uma playlist, disponível no Spotify, para ouvir e ir se aquecendo para uma das festas mais esperadas do ano!
- Rindo à toa - Falamansa
 - Carioca - Joe Kinni & JAKKO feat. Bianca Chami (Lowderz Remix)
 - Trem bala - Ana Vilela (Original Mix)
 - Já sei namorar - Tribalistas
 - Loka - Simone & Simaria
 - Vai Embrazando - MC Zaac, MC Vigary
 - Cazuzza - Exagerado
 - Filosofia de Boteco - Haikaiss
 - Uma brasileira - Os Paralamas do Sucesso, Djavan
 - O Grave Bater - MC Kevinho
 - Tombei - Karol Conka, Tropkillaz
 - Você Partiu meu coração - Nego do Borel, Anitta, Wesley Safadão
 - Trevo (Tu) - Anavitória, Tiago Iorc
 - Pagu - Rita Lee, Zélia Duncan

Por Lucas Motta e Luiza Toledo

Todo politécnico provavelmente ouve, desde a primeira aula na Poli, sobre intercâmbio: DD, AE, entrevista, carta de motivação, certificado de língua, média poli 9.7, 0 DPs. É difícil processar tanta informação quando a Poli ainda é novidade, as matérias dão medo e existem muitas novidades a serem desvendadas. É por isso que surge essa nova coluna d'O Patrão para ajudar os politécnicos! Essa edição traz tudo que é necessário saber em relação ao processo seletivo dos programas de intercâmbio oferecidos pela Poli: mitos desvendados, verdades reforçadas e dicas de como conseguir a vaga que se deseja em uma universidade no exterior.

Antes de tudo, um passo atrás: o que são o AE e o DD? O Aproveitamento de Estudos é o programa de intercâmbio que possibilita, através de um acordo bilateral com universidades do mundo todo, que o aluno da Poli estude, durante um ano, qualquer disciplina que faça parte do contrato entre as faculdades. Existe um requisito de mínimo de créditos que devem ser cursados no semestre (até o último edital, eram 12 créditos), mas, no geral, a grande maioria das faculdades aceita que o aluno monte a grade como quiser. O que alguns alunos entendem como desvantagem do AE é que esses créditos raramente valem como equivalência de matérias obrigatórias da Poli, o que "atrasa" a graduação em um ano. É como se o aluno terminasse o sétimo semestre, trancasse a matrícula e, depois de um ano, voltasse para exatamente o mesmo momento da graduação em que saiu, ainda tendo um ano e meio de Poli para cursar. Como na nova Estrutura Curricular da Poli, a EC3, o número de créditos obrigatórios a serem cursados em optativas livres aumentou, o AE ficou mais atrativo, já que é possível utilizar até 16 créditos cursados no exterior como créditos de optativas.

O Duplo Diploma, por sua vez, é um acordo geralmente feito com um número menor de faculdades fora do Brasil. Isso porque o aluno adquire dois diplomas: um da universidade do exterior e outro da Poli, então é um programa um pouco mais "restrito". Nele, o aluno estuda, durante dois anos, um curso

com uma grade definida pela faculdade de fora. Sendo assim, o intercâmbio substitui um ano de Poli, então os alunos que vão para DD e AE no mesmo ano acabam se formando juntos. Na grande maioria dos casos, cursa-se até o sétimo semestre de Poli, passa-se dois anos na universidade do DD e, no retorno, faz-se somente mais um semestre de Poli. Algumas escolas francesas, no entanto, como a École Polytechnique, têm um programa de DD que se inicia após o aluno cursar o quinto semestre da Poli e possuem processo seletivo separado dos demais programas. Vale ressaltar que as matérias da grade obrigatória do programa de Duplo Diploma não contam como crédito de optativas, então, para a EC3, é necessário buscar essas disciplinas no próprio intercâmbio.



Depois de o aluno escolher qual dos dois programas de intercâmbio oferecidos pela Poli mais se encaixa nos seus objetivos, é necessário entender como funcionam os processos seletivos. Apesar de ocorrerem em datas diferentes – DD por volta de setembro do ano anterior ao ano de ida e AE por volta de março do ano de ida – os dois processos são praticamente iguais.

A CRint- Poli (Serviço de Relações Internacionais da Poli) envia aos alunos, através do email USP, o edital do programa de intercâmbio, que é um documento onde constam todas as regras do acordo e quais faculdades do exterior podem ser escolhidas. A partir desse momento, é responsabilidade do aluno pesquisar sobre o que deseja e tirar eventuais dúvidas.

A primeira fase dos processos consiste em enviar online um plano profissional, um curriculum vitae e quais são, em ordem de preferência, até 5 opções de faculdade. O plano profissional deve contar como e

porquê o aluno escolheu aquelas opções. Ele deve ser bem escrito e demonstrar os valores do aluno, já que é nesse documento que a entrevista, que ocorre na segunda fase, é baseada. No curriculum devem constar todas as atividades curriculares e extracurriculares que o aluno já desempenhou, além das línguas que ele fala. Além desses dois documentos, a média do aluno também é critério para passar da primeira fase: apenas os dois primeiros terços da sala são aprovados. Na segunda fase, os aprovados passam por uma entrevista em português com os professores da CRint-Poli. Como mencionado anteriormente, eles procuram confirmar nessa entrevista o que o aluno escreveu no plano profissional. Desse modo, existem três perguntas básicas que sempre a conduzem: “porque você escolheu essas faculdades?”, “você possui certificado de línguas?” e “você tem condições financeiras de se manter fora do Brasil?”.



Para a maioria das escolas, a segunda fase é a última de seleção, mas para algumas (principalmente francesas), existe uma terceira etapa que consiste em provas e/ou entrevistas por parte da faculdade do exterior. É muito importante o aluno pesquisar bem sobre as matérias que cursaria no exterior tanto para pautar sua escolha, quanto para sustentar sua argumentação do plano profissional e, portanto, da entrevista. Além disso, pode-se procurar quais certificados linguísticos as faculdades exigem (muitas vezes eles não são obrigatórios para a entrevista, apenas no momento de realizar a application na faculdade do exterior). Na maioria das vezes, essa informação são encontradas no site das universidades. Essa pesquisa não é uma tarefa fácil, é necessário um pouco de insistência para encontrar tudo. No entanto, existem saídas, como pedir ajuda para veteranos que já passaram pelo processo ou até mesmo mandar email para a

faculdade do exterior. Todo tipo de pesquisa é válido e importante, porque quanto mais informações o aluno tiver para justificar suas escolhas, maiores as chances de ser escolhido. Vale ressaltar que não bastam informações acadêmicas, apesar de ser o ponto principal. É necessário pesquisar sobre o país, a cidade, a cultura, o transporte, o custo de vida etc. Foi criado um Google Drive (<http://bit.ly/2qG3kpM>) com informações coletadas por alunos que já passaram no intercâmbio e que vem sendo completado a cada ano, ele é uma boa fonte de pesquisa!

Passar em um dos programas de intercâmbio não significa ganhar bolsa. Ainda existem modos de conseguir bolsas de estudos, seja por instituições privadas, governos dos países receptores ou pela bolsa de mérito da AUCANI, de 20 mil reais. Porém essas bolsas são, infelizmente, pouquíssimas, então recomenda-se que o aluno não conte com elas e prepare seu custo de vida para pagar despesas de moradia, alimentação, transporte, saúde e lazer.

Em linhas gerais, as dicas que os alunos que já passaram no AE ou no DD podem dar, são as mesmas. Primeiro de tudo: se dedicar na Poli. Não é verdade que apenas alunos com médias altíssimas passam, nem que é obrigatório ter 0 DPs. No entanto, a nota continua sendo um fator eliminatório, então é melhor que o aluno se esforce para garantir que isso não seja um problema.

Outra dica valiosa é “viver a Poli”. Na entrevista, os professores querem ter certeza que o aluno aproveitou as oportunidades extra-classe, se expôs a novos desafios, teve contato com entidades (como centros acadêmicos, empresa júnior, grupos de extensão), participou de pesquisas (por meio de Iniciação Científica) e estudou outros idiomas. Não é interessante para a Poli enviar alunos que se restringirão à vida acadêmica na faculdade de fora, afinal, o Intercâmbio também é uma experiência de vida pessoal.

Por fim, ter na ponta da língua tudo que foi pesquisado. Os professores também querem ter certeza de que o aluno não está só “prestando por prestar”, eles querem aprovar alunos que tenham certeza do que querem e que demonstrem que vão aproveitar ao máximo. Sendo assim, é necessário ter fundamentos sólidos que sustentem a decisão do aluno.



Arthur Salles é recém formado em Engenharia de Produção, pela Poli. Durante seus anos de graduação, ficou conhecido pelos resumos elaborados para as matérias do biênio, bem como por sua didática, explicitada em monitorias, fujas do nabo, e aulas extras. Além disso, desenvolveu, junto a amigos, a revista Babel. Hoje, trabalha na VGL Finanças Corporativas, uma das principais empresas de assessoria e aquisições em atuação no Brasil.

Você é muito conhecido pelos resumos elaborados para as matérias do ciclo básico. Como você adquiriu esse poder de síntese? Essa característica tem te ajudado no mercado de trabalho? E de onde surgiu a ideia do projeto? Você sempre gostou de ensinar?

Meus resumos começaram como forma de me economizar tempo: preparava durante as semanas antes de prova para tornar a revisão para as avaliações mais simples. Essa habilidade (que ainda estou longe de ter dominado por completo) é extremamente útil: vivemos hoje em um mundo em que o acesso à informação é cada vez mais amplo e livre; no meio dessa torrente de dados, é essencial conseguir filtrar o que é mais relevante, seja para o mercado de trabalho, para os estudos ou para a vida pessoal.

Quanto ao projeto das aulas e resumos, tudo começou com um garoto (eu) chorando sobre o livro do Boulos na segunda semana de aula da Poli. Não entendia nada em sala de aula, muito menos lendo aquelas linhas. As coisas ficaram melhores quando mudei de professor e passei, graças a suas boas aulas, a entender do que se tratava de fato a matéria. Percebi que a forma como se explica e a vontade em explicar bem fazem a diferença entre uma matéria parecer intuitiva ou uma herança do demônio. Por essa razão, decidi no segundo ano fazer minha parte em descomplicar essas matérias, começando por algemem em monitorias, fujas do nabo e, é claro, com os resumos, para quem preferisse estudar no conforto do lar.

Como era seu método de estudo? Você acha que existe

um passo a passo certo para ir bem nas matérias da Poli?

Para conseguir passar nas matérias e ainda ter um resquício de vida social creio que todos acabamos por desenvolver algum método de estudo. Dadas as características de cada um e a como aprendemos, a forma de um pode não se adequar bem a outro aluno. No meu caso, tentava a cada semana estudar as matérias dadas naqueles dias, resolvendo exercícios da lista, já vendo questões de prova da matéria e resumando os pontos principais em resuminhos para rever mais perto da prova. Uma semana antes das provas revia a matéria e fazia várias provas antigas, de forma a não ter que estudar entre as provas.

Você acabou por exercer grande influência no desempenho de muitos alunos da Poli, nos últimos anos. Mas isso fez com que muitos se questionassem sobre os métodos de ensino da Poli, e até mesmo se estavam, de fato, aprendendo. O que você pensa sobre isso? Acha que os alunos deveriam mudar sua postura perante os estudos? Ou, para você, isso está muito mais atrelado ao método de ensino usado pela Poli?

Creio que não há uma resposta simples para essa questão; há um pouco dos dois. Por um lado, vejo muitos colegas que desistem de fazer sua parte por falta de motivação, dificuldade ou até mesmo por preguiça. Mas por outro a existência de um sistema que seleciona e premeia seu corpo docente apenas por sua pesquisa, considerando pouco seu desempenho em sala de aulas, a meu ver, gera (muitas vezes não por maldade do professor) uma carência em termos de didática nas aulas da Poli.

Para contornar isso, minha dica de ouro, que me ajudou muito nos primeiros anos é: não assista aula de professores que não conseguem te fazer aprender. Além de perdermos tempo no qual poderíamos estar estudando, os efeitos psicológicos de não entender patavinas durante duas horas de aula são desastrosos. Se me perguntarem, vou dizer que não falei nada disso e que a redação do jornal entendeu mal minhas palavras, mas busquem os bons professores e deem um jeito com a grade (e com a lista de presença) para assistir as au-

las deles. Fazendo isso, quando estiverem estudando após as aulas, só precisarão, no geral, fazer exercícios, pois a teoria já foi bem passada pelo professor.

Todos vivem altos e baixos na Poli. Então, você pode nos contar quais foram seus melhores e piores momentos durante a graduação?

Diria que os melhores momentos foram associados às aulas: há um prazer indescritível em ler nos olhos de um aluno a alegria de estar finalmente entendendo aquele teorema XYZ contra o qual estava batalhando já há algum tempo. Passando para os momentos desafiadores, quem me conhece minimamente sabe que não sou grande fã do curso de engenharia de produção. No terceiro ano vivi uma forte crise: quase larguei a Poli para ir fazer direito, pois estava totalmente desiludido. Esperava do curso uma combinação de humanas e exatas, pois ambas me agradavam no ensino básico. Entretanto, passado o biênio, o desafio das exatas ficou para trás (trocado por um grifa texto e uma calculadora de padaria) e não encontrava nas matérias do curso o lado charmoso das humanas de refletir sobre grandes temas e “descobrir o mundo”.

Olhando para trás, tem algo que você mudaria da sua trajetória na Poli?

Apesar de não ter encontrado o que procurava no meu curso, não me arrependo da opção. Optei por continuar e pegar meu canudo, pois entendi que o que de fato importava era aquilo que faria pelo resto da vida após me formar. Nesse sentido, a Poli é muito boa e, em especial a Produção, pois deixa abertos vários caminhos (mercado financeiro, consultoria, indústria, startups etc.) e tem um bom reconhecimento no mercado. Assim, apesar dos percalços, hoje estou extremamente contente com o que faço, de forma que não mudaria minha trajetória.

Durante a graduação, você participou de algum grupo de extensão? Fez Iniciação Científica? Se sim, como você acha que isso agregou à sua formação?

Além das aulas e monitorias, durante parte do segundo e do terceiro ano fiz iniciação científica, que me serviu para descobrir que não queria seguir uma carreira acadêmica, pois essa opção me pareceu muito solitária. Assim desde o terceiro ano, comecei a estagiar para descobrir onde se encaixariam melhor minhas aptidões. Adicionalmente, no quarto ano, montei junto a

alguns amigos a Revista Babel como forma de reunir e espalhar pela faculdade produções artísticas de politécnicos e colorir um pouco nossos corredores tão cinzas. Em termos de formação, esse projeto foi útil para aprender a gerir e coordenar o trabalho de outras pessoas, algo a que até então não estava acostumado.

Você tinha todos os requisitos para fazer intercâmbio. Por que optou por não fazer?

Pessoalmente vejo pouco valor em um intercâmbio de graduação: acredito que pouco é agregado em termos de formação acadêmica (ao menos nos casos das pessoas com que pude conversar) e que não é necessário um ano ou mais para viver a tal “experiência internacional”. Assim, acabo vendo como forma de “sábatico” e, no meu caso, desde que me desiludi no terceiro ano com a produção, fiquei muito ansioso por me formar logo. Sinto que se tirasse um ano de férias, não seria capaz de voltar e concluir o curso. Além disso, no caso do duplo diploma, acho muito problemático voltar com seis meses para se formar, devido às implicações que isso tem em termos de estágio.

Quais foram os motivos que te levaram a escolha de sua carreira? Em que pontos você acha que a Poli te ajudou a alcançar seus objetivos profissionais?

Durante todo meu tempo de Poli, sofri muito com a ansiedade de não saber o que fazer após me formar. Por essa razão, comecei a estagiar já no terceiro ano (e, olhando para trás, penso que poderia ter começado essa busca antes com alguns grupos de extensão como PJ e Poli Finance). Inicialmente trabalhei em uma startup, mas senti que apesar de aprender muito no começo, logo estava esgotado o que poderia extrair dali. Foi então que pensei em fazer processos seletivos de consultoria, pois via oportunidade de estar sempre aprendendo sobre diversos setores e de resolver desafios interessantes. Já tinha prestado e passado em uma delas quando fui convidado a trabalhar com fusões e aquisições.

Nunca tinha pensado em trabalhar no mercado financeiro, pois via como uma troca de vida e sonhos por grandes cifras na conta bancária (equação que não me parece interessante). Entretanto, acabei por ser convidado a trabalhar em uma boutique em que consegui conciliar vida social aos meus objetivos de carreira. Nesse último aspecto, há na atividade de fusões e

aquisições uma combinação poderosa de aprendizado e desafios. Como assessoramos empresários na venda (de parte ou do total) das empresas que eles levaram uma vida toda para construir, e como um bom trabalho de análise, preparação, apresentação e negociação pode, muitas vezes, dobrar o valor da empresa, há a necessidade de fazer análises profundas e aprender muito sobre o setor de atuação e sobre a empresa em si, para saber como extrair o máximo de um potencial investidor. Assim o trabalho mistura desafios técnicos (como muitas análises sobre as operações e finanças da companhia para entender o passado da companhia e modelagem de seu futuro), psicológico (saber o que e como apresentar para investidores), comercial e de apresentação.

Encontro, portanto, vários pontos em que a Poli me ajudou: na criação de bom raciocínio lógico para fazer análises; no poder de síntese necessário para definir o que é relevante no mundo de informações existentes sobre cada uma das empresas que assessoramos e seus setores; na oratória, desenvolvida dando aulas, e agora utilizada para realizar apresentações para clientes e investidores.

E quais estágios você fez? Algum voltado à consultoria? Muitos alunos encontram-se em um impasse entre seguir a carreira em consultoria e mercado financeiro, pelas suas experiências, o que você pode nos dizer sobre isso?

Fiz dois estágios, um na VGL e outro na Rocket Internet, uma venture capital alemã. Cheguei a prestar processos seletivos para consultoria, passei, mas optei por ficar na VGL. Quanto a esse impasse, ao meu ver, as semelhanças entre as áreas são: alto aprendizado, a passagem por vários setores, trabalho, em geral, com gente de altíssima qualidade, e mais horas de trabalho em relação à indústria. Como vantagens do Investment Bank, diria que o trabalho tem mais relevância (está vendendo a empresa) do que na consultoria. Muitas vezes, a consultoria faz um trabalho que acaba engavetado ou que serve apenas para a administração ter um carimbo de uma grande consultoria para facilitar aprovação no conselho de um projeto que já queriam fazer. Além disso, em geral, a visão no mercado financeiro é mais macro, vê-se o negócio como um todo. Muitos projetos de consultoria, por sua vez, se focam em um ponto específico da opera-

ção. Adicionalmente, o que pra mim não é tão importante, mercado financeiro costuma pagar melhor.

Por outro lado, a área de consultoria pode ser muito boa para quem não sabe exatamente o que fazer. Ou, quem quiser ir pra indústria, pode fazer consultoria para acelerar sua carreira e já entrar numa posição mais alta na indústria.

Atualmente, onde você trabalha? Conte-nos um pouco sobre seu dia-a-dia.

Hoje trabalho na VGL Finanças Corporativas, uma das principais empresas de assessoria em fusões e aquisições em atuação no Brasil. Meu dia-a-dia é bastante heterogêneo uma vez que trabalho em vários projetos diferentes ao mesmo tempo e cada um está em uma fase distinta. Assim, por exemplo, posso em uma mesma semana fazer reuniões com um novo cliente para conhecer suas instalações, fazer análises para decifrar a evolução da receita de outro projeto, apresentar uma terceira empresa para um fundo investido e ainda participar de reuniões de negociação de contratos de outro mandato mais avançado.

Pela natureza do trabalho, acaba-se por ter uma visão macro de diversas indústrias ao mesmo tempo: é preciso conhecer bem para vender bem (diferentemente do que pode acontecer ao trabalhar na indústria, em que há muita divisão do trabalho e especialização, ou mesmo de muitos projetos de consultoria, que focam em um ponto problemático do negócio). Ao mesmo tempo há grande aprofundamento, para encontrar os vetores (drivers) de valor do negócio e definir a melhor estratégia para apresentação e negociação.

O que você acha que mais pesou, em relação a sua formação, para seleção no mercado de trabalho? Você diria que ser da Produção foi um diferencial?

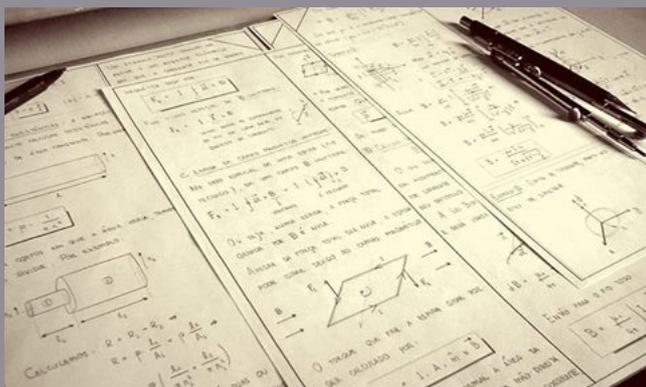
É claro que existem boas pessoas se formando em todas as faculdades, mas o mercado acaba tendo um preconceito positivo com quem se forma na Poli e no caso do mercado financeiro, a Produção é com certeza a queridinha. Sentado do outro lado da mesa, agora que estou participando da seleção de novos estagiários, entretanto, percebo que há muito mais valor nas atividades extras realizadas pelos alunos e no interesse demonstrado pela área de atuação, do que na especiali-

zação de formação na engenharia. Por isso, para quem já tem ideia do que quer fazer na carreira, minha dica é correr atrás de atividades relacionadas, como cursos, competições e grupos de extensão. Além de estudar por conta e se manter informado.

Pra finalizar, tem algo que você gostaria de falar para os alunos da Poli?

Resumiria em alguns pontos; primeiro: acredite que um dia o curso acaba, quando menos esperar estará na festa de formatura; durante esse meio tempo, caso, como eu, não ache que o curso não tem a ver com o que quer para a sua vida, não se desespere. Tente descobrir o que quer fazer da vida após formado. Começar a estagiar cedo ou participar de grupos de extensão pode ser de grande ajuda. Se descobrir que o caminho que deseja seguir está longe de seu curso, tente encontrar formas de se aproximar. Por fim, sempre que puder, ajude aqueles ao seu redor, seja nos estudos, na entrada no mercado de trabalho ou na vida pessoal; a Poli é um ambiente ainda muito hostil, mas cabe apenas a nós mudá-la.

RESUMOS



Perto das provas, os resumos do Arthur sempre ficam disponíveis no Xerox do Grêmio.

Desde ano passado, os resumos ganharam um novo layout, e estão disponíveis para download no Google Drive de Resumos Compartilhados (<https://drive.google.com/drive/folders/0B0FC-8TERh2bSVFFZMWpTWHJLWk0>)

RÁ-TIM-BUM NOSSA SUGESTÃO **O CASTELO**

Por Olívia Cunha

Desde o dia 31 de março, o Memorial da América Latina abriu ao público a exposição “Rá-Tim-Bum, o Castelo”, mostra formada por um castelo idêntico ao da série e que reproduz, com o máximo de fidelidade, todo o visual do seriado. O visitante, ao chegar, depara-se com uma grande porta, uma torre de 15 metros de altura e com infinitos detalhes que marcaram a infância de muitos. Nos 700 metros quadrados do interior, em 22 ambientes (cada um destinado a um certo personagem, contando com sua fantasia original) não há como não se sentir dentro da atração da TV Cultura. O objetivo dos idealizadores do projeto é trazer toda a magia do programa para o aspecto tátil, com sons e cheiros, de forma que o contato de cada pessoa com os diferentes ambientes provoque uma experiência única e especialmente nostálgica.



A mostra ficará aberta ao público por três meses (até o final de Junho, com chances de ser prorrogada), das 9h às 20h, de terça a sexta-feira, e das 9h às 22h aos sábados, domingos e feriados. Os ingressos, que custam R\$ 20,00 e R\$ 10,00 (meia), podem ser comprados na bilheteria do Memorial ou pelo site: www.ratimbumocastelo.com.br

FRIENDS VS HOW I MET YOUR MOTHER SÉRIE DA VEZ

Por Flávia Barochel e Rafael Barone (convidado)

Essa matéria contém spoilers de Friends e How I Met Your Mother.



A rixa entre Friends e How I Met Your Mother é famosa. Quem nunca discutiu com um amigo sobre qual dos dois sitcoms foi melhor? A redação d'O Patrão realizou uma pesquisa no facebook que foi divulgada na página do CAEP e nos grupos da Poli e da Produção e obteve o seguinte resultado: 381 votos, sendo Friends a vencedora com 198 (aproximadamente 52%).

Como a disputa foi acirrada, decidiu-se, no estilo Engenharia de Produção, comparar as duas séries segundo critérios. Foram quatro critérios escolhidos: personagens, humor, problemáticas e final.

Personagens

Incrivelmente, mais de duas décadas depois de seu lançamento, as personagens de Friends continuam sendo emblemáticas. Até hoje, Rachel, Monica, Phoebe, Joey, Chandler e Ross são referências e estão presentes na cultura de qualquer fã de séries. Em Friends, as histórias de todas as 6 personagens principais são tratadas com a mesma importância. Cada um dos 6 tem a personalidade muito bem desenvolvida durante as 10 temporadas, e todos demonstram enorme crescimento ao longo do tempo.

Já em How I Met Your Mother, os três personagens homens, especialmente o Ted e o Barney, têm muito mais tempo de tela do que as personagens mulheres. A subjetividade da Lily e da Robin é muito menos explorada que a dos homens, a Robin sendo representada grande parte do tempo como o estereótipo de mulher bonita focada apenas na sua carreira e a Lily sendo retratada como o estereótipo

de namorada, que abre mão de uma carreira para casar e ter filhos. Quanto ao crescimento ao longo das 9 temporadas, as personagens de How I Met Your Mother demonstram muito pouco desenvolvimento de caráter e ambição.

Na categoria personagens, Friends tem vantagem sobre How I Met Your Mother.

Humor

É difícil comparar o humor das duas séries. Friends, uma das séries mais populares de todos os tempos, tem um humor original que inspirou diversas séries que vieram depois, por isso, hoje em dia, as piadas, de tanto copiadas, não têm o mesmo efeito que tinham nos anos 90. Depois de tantos anos, esse humor já cansou o público. Além disso, muitas das piadas de Friends estão ultrapassadas, não fazem mais sentido hoje, 23 anos depois de sua estreia, especialmente para telespectadores mais jovens.

Já How I Met Your Mother conta com um humor mais atual. A série foi lançada há apenas 12 anos e não tem o problema de se apoiar em piadas de uma década que parte da audiência não vivenciou. O humor de How I Met Your Mother também soa mais original para o público já que a série não foi repetidamente fonte de inspiração de outros entretenimentos, como é o caso de Friends. Mas vale ressaltar que How I Met Your Mother é um claro exemplo da influência de Friends em outros sitcoms. Um fã de Friends, ao assistir How I Met Your Mother, pode pescar diversas referências e situações semelhantes nas duas séries. Como exemplo, há uma cena em que os personagens decidem experimentar se reunir num café ao invés do pub de sempre. Durante a cena, Barney faz uma piada direta provocando a sitcom "rival", dizendo que "ficar em um café não é nem de longe tão divertido quando ficar em um bar".

Na categoria humor, quem sai ganhando é How I Met Your Mother, que, apesar de inspirada em Friends, consegue entreter de forma muito original.

Problemáticas

How I Met Your Mother tem um dos personagens mais explicitamente machistas da televisão: Barney Stinson. Objetificar, desrespeitar e iludir

mulheres faz parte da personalidade do Barney. Porém, a intenção da série, ao que parece, nunca foi de enaltecer esse seu comportamento, mas de criticar de uma forma cômica. (ver: https://www.buzzfeed.com/katangus/24-vezes-em-que-how-i-met-your-mother-nos-deixou-pe-da-vida?utm_term=.vaWl39QdM#.laz1JKM23)

Os três protagonistas masculinos de Friends, por outro lado, não têm o machismo como característica principal em seus papéis do mesmo jeito que acontece em How I Met Your Mother. Contudo, em muitos episódios há problemáticas graves com eles, especialmente no caso do Ross. Na época em que Friends foi ao ar, não se falava em machismo como hoje em dia, então pouco se discutiu sobre como o personagem foi abusivo em várias situações. (ver: <http://www.cosmopolitan.com/uk/entertainment/a38817/>)

Além disso, as duas séries pecam em não ter diversidade no elenco, não só no elenco principal, mas no elenco de apoio de maneira geral também. Nas duas séries são pouquíssimos os personagens recorrentes negros, latinos ou de qualquer outra etnia que não a branca. Dentre esses poucos exemplos, destaca-se um de cada série: em Friends, a extremamente bem-sucedida paleontóloga negra Charlie e, em How I Met Your Mother, o irmão de Barney, James, que além de negro e homossexual. Além disso, Friends transmitiu um dos primeiros casamentos homossexuais da televisão americana, apesar de o fato de Susan, a ex-mulher do Ross, ser casada com uma mulher ter sido motivo de deboche entre os personagens muitas vezes.

No quesito problemáticas nenhuma das duas séries pontua.

Final

O final de Friends é unanimidade, foi exatamente o que a série merecia e o que os fãs queriam. Os casais que tinham que terminar juntos terminaram, os sonhos familiares e pessoais dos personagens se realizaram e a última cena, do apartamento da Mônica vazio, emociona mesmo depois de 13 anos reprisando. Friends é uma série que não segue a tendência comum entre séries muito duradouras, que costumam ficar piores nas temporadas finais. Os episódios de Friends nunca caíram de nível mesmo depois de 10 anos no ar.

O final de How I Met Your Mother vai na direção oposta. A decepção com o final é quase a unanimidade, mesmo entre os fãs mais fiéis da série. A última temporada já é bem decepcionante, não fazendo jus às anteriores, que entretêm muito mais. O último episódio vai contra as expectativas da audiência, tanto quanto aos casais que terminam juntos, quanto às carreiras dos personagens e mesmo seu desenvolvimento pessoal.

Nesse critério não há dúvidas: Friends teve um final muito melhor.

Assim, o placar segundo os critérios avaliados foi Friends 2 x 1 How I Met Your Mother. É importante lembrar que a presente coluna reflete as opiniões pessoais de quem a escreveu e deve ser levada na esportiva.

MURO NA RAIA VOCÊ SABIA

Por André Navarro, Beatriz Ota,

Patrick Bittencourt e Sophia Pawlaski

Há um projeto da prefeitura de São Paulo que visa retirar os muros da Raia Olímpica e substituí-los por gradis. Na semana do dia 8 de maio, tal iniciativa gerou rebuliço dentro da Universidade de São Paulo já que surgiram opiniões divergentes com a notícia de que a obra ocorrerá e tem previsão de conclusão para agosto de 2017. Já no dia 15 de maio, o remador Michel Neumark, em nome da comunidade de praticantes do esporte que utilizam a Raia Olímpica da USP, protocolou no Ministério Público do Estado de São Paulo uma denúncia contra o projeto de derrubada do muro que separa o local das pistas da Marginal Pinheiros. O projeto nasceu em 2012 e foi idealizado na gestão de Geraldo Alckmin, porém está saindo do papel somente agora na gestão do prefeito João Doria. Além da derrubada do muro, as mudanças incluem alterações no paisagismo do espaço, nova iluminação da área e a construção de uma pista de corrida no espaço que separa a Raia Olímpica da Marginal. A obra foi orçada em 2 milhões de reais e receberá 1,6 milhões da Prevent Senior, atuante na área da saúde.



Como razões para realizar a obra, a prefeitura alega a importância de estabelecer uma nova fronteira visual na Marginal e permitir a visualização da raia por quem passa por lá. A Equipe de Remo Poli-USP, tem certa preocupação a respeito daquilo que tange o esporte dado que nenhum estudo sobre os possíveis impactos ao ambiente e às práticas esportivas foi divulgado; por isso, a equipe montou uma carta pedindo

que estudos sejam feitos. Segue, abaixo, um trecho da carta:

“A Raia Olímpica da USP é referência nacional em termos da prática de canoagem e remo, hospedando etapas de campeonatos brasileiros. Ela é conhecida mundialmente também: equipes da China e da Rússia treinaram nessas águas para as Olimpíadas Rio 2016, por exemplo. Por isso, lá não é só um local que treinam as equipes universitárias ou praticantes amadores, mas também, muitos atletas e paratletas profissionais. A substituição do muro por um gradil traz alguns riscos que podem prejudicar, e muito, a prática do nosso esporte.”

A redação do jornal conversou também com Bruno Beltramini, estudante de Engenharia de Produção na Poli e atleta de remo. Segundo ele, o muro é uma barreira física que protege a raia da poluição mais intensa, com metais pesados, emitida por ônibus e caminhões. Além disso, ajuda a conter a poluição sonora, causada pelo barulho do motor dos carros, buzina, etc. Por isso, a derrubada do muro atrapalharia os praticantes do esporte, principalmente, em relação à comunicação dentro dos barcos, bem como quem trabalha lá, o que entra na questão de ergonomia. Em relação à segurança, Bruno destacou que a raia possui somente dois seguranças, que fazem rondas periódicas e ficam na portaria. Desse modo, deixar a raia aberta tornaria a raia e a USP muito mais vulneráveis, na medida em que será mais fácil perceber qual é o sistema de segurança, os horários de ronda etc.. Adicionalmente, ele lembrou de um comentário de seu treinador, em que relatou que pessoas jogavam frutas em quem estava na raia na época em que não havia muros cercando-a.



Mas Bruno não deixou de destacar os pontos positivos dessa medida: além de melhorar a visão para quem passa na marginal, para o esporte, a retirada do muro seria interessante para aumentar a visibilidade e o reconhecimento, tornando-o mais democrático e acessível, uma vez que a prática de remo, canoagem não é restrita para alunos da USP. Para ele, o projeto tem que ser feito com cautela, com estudos de impacto ambiental e de sons. Por fim, o atleta destacou que, em nenhum momento, os frequentadores da raia foram consultados, nem mesmo o treinador que está na raia há décadas, inclusive estava presente na época em que a raia era aberta. Para Bruno, o projeto ideal deveria contar com a participação de engenheiros capacitados em ergonomia, segurança do trabalho e distribuição de som para que, desta forma, a obra conseguisse amparar tanto o objetivo da prefeitura quanto as preocupações dos usuários da raia.

O FREEZER CAEP INFORMA DA LIVUP

Por Beatriz Ota, Guilherme Rezende

A Liv Up é uma start up que surgiu com a ideia de levar sabor, saúde, praticidade e preço justo aos consumidores. Fundada por Henrique Castellani, o Sorocaba, e Victor Santos, o Regime, ambos membros da gestão de 2010 do CAEP, a empresa cresce como uma alternativa aos que buscam uma alimentação saudável e praticidade no dia-a-dia: alimentos ultracongelados, entregues quando e onde o cliente quiser. A empresa utiliza uma tecnologia italiana, que garante que o alimento mantenha suas propriedades nutricionais, e preserve sua textura e sabor.

Além de representarem uma ótima alternativa de alimentação saudável, a Liv Up tem responsabilidade social. Boa parte de seus produtos provém de parcerias na agricultura familiar, o que acaba por desenvolver e incentivar as pequenas comunidades agrícolas.

Este ano, Regime e Sorocaba voltaram para o CAEP, em uma incrível parceria: trazer produtos de qualidade, como uma alternativa de alimentação saudável para os alunos. Para isso, a Liv Up disponibilizou um freezer, com muitas opções de pratos. A forma de pagamento é por cartão de débito, crédito ou vale refeição. Para comprar, basta escolher o prato, apertar a opção no display e pagar com o cartão. Depois, é só colocar no microondas, de acordo com as especificações da embalagem.

O freezer da LivUp está no CAEP, perto da mesa de doces. Para facilitar ainda mais, disponibilizamos um microondas, que pode ser usado por qualquer aluno da Poli. Então, quando bater aquela fominha, é só entrar, escolher seu prato, e ter uma ótima refeição!

Mas, se a fome bater quando você estiver longe da Poli, é possível escolher entre kits, pratos sugeridos e cardápios personalizados no site: www.livup.com.br



Foto: Regime e Sorocaba

Parece que 2017 é o ano de causar no Facebook. Junto com uma enxurrada de memes e várias discussões, muitos conflitos agitaram a internet, sempre conturbando o grupo Bixos e Bixetes Poli. Abaixo, mostramos 7 exemplos de 2017 e outros 3 de 2016 que repercutiram na rede social.

Triedro de Frenet

No início do ano letivo, falsas informações como “Circular 3, Triedro de Frenet, Evento para top 100 ingressantes” eram postadas no grupo Bixos e Bixetes Poli 2017. Isso gerou diversas discussões entre aqueles que diziam que eram “apenas brincadeiras” e os que repudiavam a falta de empatia com os bixos e bixetes que poderiam acabar acreditando.

AEQuit

A AEQ foi acusada pela Comissão Organizadora de fraudar o Caça ao Tesouro durante o Integrapoli 2017 e, por isso, foi expulsa da competição juntamente com o CAEA, que a estava ajudando no Caça. Ambos os lados pediam por provas e justificativas dos membros e o assunto passou a ser discutido entre as partes.

Poli à Deux

A Poli à Trois foi uma festa criada e organizada por 3 CAs: CAM, CAEP e CEC. Esse ano, entretanto, o CAM e o CEC usaram o nome em sua festa conjunta, atitude repudiada pelos membros do CAEP.

Tudo pela Arte

O post no Facebook para a escolha da arte que seria usada na camiseta do IUSP foi excluído depois que diversos perfis suspeitos (supostamente falsos) começaram a aparecer na votação. Mais tarde, a AAAP lançou um forms para coletar os votos de forma mais restrita.

“Lotado de Bosta”

Um membro de um CA adicionou um carro como exemplo na planilha de organização de caronas para um

evento chamando-o de “Lotado de Bosta”, colocando na carona, com intuito pejorativo, pessoas que não estavam participando.

Festa na fila

Na Tomorrowusp deste ano, uma confusão na organização deixou diversos convidados esperando horas na fila para, depois, não conseguirem entrar na festa.

Propaganda inversa

Um veterano conhecido por seus comentários polêmicos postou um texto no grupo Bixos e Bixetes denegrindo a apresentação do grupo Acappolli na semana de recepção. Entretanto, isso acabou gerando uma visibilidade positiva para o vídeo do espetáculo, que teve alcance muito maior depois da publicação.

Ban tour

Em 2016, no formulário de inscrição para o Adote um Bixo, comentaram que seria mais adequado colocar a opção “gênero” ao invés de “sexo”. Isso causou uma discussão enorme e diversos comentários absurdos do tipo “transexuais são cosplays de mulheres”, desencadeando o banimento do grupo (ban) dos autores e a criação do grupo Bichas e Vadias Poli.

Caindo na estrada

As eleições do Grêmio em 2016 geraram diversos conflitos entre as chapas concorrentes, Ágora e AProximAção. Talvez o mais conhecido seja a questão do orçamento da campanha, envolvendo o questionamento se a ida para Santos entrava ou não no levantamento das contas. No fim, a Ágora foi punida por ultrapassar o teto e a AProximAção divulgou seus números, julgados incondizentes por algumas pessoas.

Honestidade

Durante uma prova de Cálculo I em 2016, um estudante foi pego colando. Isso revelou um grupo de cola no whatsapp chamado Honestidade com centenas de pes-

OS TESOUROS DA SALINHA PRETA

Por *Giuliana Zugliane, Lucas Alleotti e Rafael Reis*

GRUPO DE EXTENSÃO

Num ambiente tão cinza e estressante como a Poli, é num lugar quase invisível que muitos alunos buscam algum tipo de refúgio: aquela portinha preta no corredor próximo à Minerva pode parecer trivial, mas esconde a sala onde acontecem atividades que divergem um pouco do padrão politécnico, o Laboratório Dramático Antônio Januzelli.

Não, o GTP não é Grupo de Trompete da Poli ou Grupo de Textinhos da Poli. Fundado em 1947, o **Grupo de Teatro da Poli** é um dos grupos mais antigos de teatro universitário do Brasil. O GTP é financiado pelo Grêmio Politécnico, é gratuito e, apesar de ser voltado aos alunos da Poli, é aberto a todos os estudantes que possuem vontade de conhecer e aprender mais sobre essa arte. Assim, não é preciso ter conhecimento sobre teatro para participar.

O GTP é formado por três núcleos, sendo eles: o Amarelo, para iniciantes no teatro, o Vermelho, núcleo intermediário, para aqueles que já possuem certo conhecimento, e o Verde, núcleo avançado, o qual realiza peças mais trabalhosas e desafiadoras. As aulas consistem em exercícios e brincadeiras teatrais, as quais desenvolvem diversos aspectos humanos como autoconhecimento e o crescimento das potencialidades intelectual, emocional, social, física, artística, criativa e espiritual. No final do ano cada núcleo costuma apresentar uma peça como resultado do trabalho do grupo.

Os ensaios acontecem de Segunda à Quarta, das 19h até as 22h. O teatro serve tanto como uma forma de relaxamento da rotina maçante da Poli, como uma maneira de se expressar e desenvolver.

Outro grupo que usa a sala invisível é o **Poli Dance**, que surgiu em 2012 como uma iniciativa de alunos da Poli com o objetivo de trocar experiências em diversas formas de dança e também ensinar. Atualmente eles oferecem aulas individuais de jazz e de dança de salão em casal (fórró, sertanejo e zouk) em troca de uma taxa semestral de 20 reais, a qual permite a participação em todas as aulas.

Para começar a treinar basta aparecer em algum dos ensaios ou então entrar em contato pela página do facebook. É recomendado iniciar a participar dos ensaios no começo do semestre para acompanhar a evolução da turma ao longo do tempo. Os ensaios

são: Segunda – Fórró: 17h Iniciante e 18h Intermediário; Terça – Sertanejo: 18h Iniciante; Quarta – Jazz: 17h Pop jazz; Quinta – Zouk: 17h Iniciante 18h Intermediário.

Além disso, temos também o **Acappolli**, que dentre os grupos de arte da Poli, é o mais recente: os interessados no canto Acappella se reúnem desde 2014. O Grupo tem, em geral, duas reuniões semanais, sendo um ensaio geral, com todos os participantes, e um ensaio de naipe (nome dado ao grupo de pessoas com a mesma classificação vocal). Os ensaios de naipe tendem a ter maior flexibilidade de horário, indo de acordo com a disponibilidade dos membros, enquanto os ensaios gerais costumam ser às sextas-feiras, no horário do almoço.

Assim como no caso do GTP e do Poli Dance, para participar do “Grupo de Canto A Cappella da Escola Politécnica”, não é necessário nenhum tipo de conhecimento prévio. São realizadas duas audições por ano (uma no início de cada semestre) e nessas audições, os candidatos são avaliados de três formas: na primeira, eles devem cantar uma música da escolha do Grupo de Canto; na segunda, devem repetir o trecho de uma música inventada pelos membros e; na terceira, devem cantar um trecho de escolha livre. Essas três etapas servem para avaliar se a pessoa tem bom ouvido musical e como usa a voz, e identificar a qual naipe ela pertence.

Além de participar dos ensaios e apresentações, os “acalouros” também podem se interessar pelas áreas de autogestão do Acappolli, que se dividem em: Ensaios, Calendário, Divulgação, Coreografia, Finanças e Comunicação com o Grêmio.



Por Beatriz Ota, Shelly Barbosa e Vitor Menezes



Durante o IntegraPoli, o CAEP teve o prazer de receber Ricardo Costa, medalhista de ouro nas paralimpíadas do Rio, para o cumprimento de um dos itens da lista. Aproveitamos essa oportunidade incrível para conhecer um pouco mais de sua história.

Para começar, conte-nos um pouco sobre sua história.

Eu comecei no esporte quando eu estava no instituto Smack, em 2011, onde eu realmente conheci o celular e relógios com acessibilidade. Fui convidado por um atleta para participar de uma corrida de rua de 10km. Inicialmente, não aceitei o convite. Mas, ele insistiu, pedindo que eu fosse pelo menos assistí-lo. Naquela época, eu ainda enxergava vultos e algumas cores, decidi ir. Quando eu cheguei na competição, vi aquele movimento todo, as pessoas alongando, e me surgiu o interesse de querer correr. Eu entrei na fila e, por enxergar muito pouco, quase enfiei a caneta dentro do olho pra eu conseguir escrever. Ouvia um pessoal atrás de mim: “Esse cego vai correr? Ele vai cair num boeiro!”. Me inscrevi. Usei quem estava na minha frente como referência, e na reta final, ouvi o som da primeira chegada: “Lá vem o ganhador”, saí correndo na frente de todo mundo, disparei, até tropecei em uns cones. Vieram me ajudar, viram que eu passei no cone primeiro, e foi a primeira vez que eu ganhei uma corrida. Aí foi onde eu vi que eu tinha um talento pra correr. Desse dia em diante, não parei mais.

Em 2009, eu entrei na seleção brasileira já como atleta de alto rendimento, com prova de pista, fazendo provas de 100 e 200 metros. Em 2011, eu comecei no salto em distância, e bati os recordes brasileiros. Entrei no salto triplo, e também bati os recordes brasileiros. Em 2012, eu já comecei a me destacar mais, porque meu rendimento já começou a disputar recorde mundial. Enfim, de 2012 para cá, eu sou atleta da seleção brasileira, recordista olím-

pico e recordista brasileiro de duas provas: salto em distância e salto triplo, a minha paixão no esporte. Hoje, também corro 100 metros, mas isso é só para complementar o salto em distância, pois se eu sou veloz, isso complementa a minha impulsão.

E como foi a descoberta da doença? Você sempre lidou bem com isso?

Eu comecei a perder a visão com dois anos. As rodinhas dos meus carrinhos caíam no chão e eu não conseguia achar. Eu começava a chorar, gritar. Minha mãe vinha e pegava as rodinhas pra mim. Assim, ela começou a perceber que eu estava perdendo a visão. Na época, onde eu morava só tinha postinho de saúde, pra vocês terem uma noção, era um único médico para tudo o que você pode pensar. Então, não havia estrutura suficiente para descobrir qual era o real problema da minha perda de visão. Quando eu tive oportunidade de conhecer o Hospital das Clínicas, em São Paulo, eu já tinha perdido 90% da visão e o médico falou que, mesmo que eu tivesse acompanhamento, já não tinha mais jeito.

Mas eu gosto sempre de lembrar: Não foi o esporte que me trouxe a superação, eu só consegui me superar quando eu aceitei minhas deficiência, fiz dela minha melhor inimiga. Só então, eu pude ver que o mundo estava de portas abertas para mim. Eu percebi que podia fazer tudo sozinho, ser uma pessoa 100% independente. Hoje, eu lavo, passo, cozinho. Não gosto que os outros façam por mim uma coisa que eu gostaria de ter feito. Meus pais nunca me criaram como uma pessoa com deficiência. Tudo o que eu queria saber, eles só me mostravam uma vez. E, depois eu ia lá, e fazia sozinho.

Além de ajudar na sua aceitação, existem outros benefícios que o esporte te proporcionou?

O esporte, para mim, é uma profissão. Foi minha saída para não ter que entrar para o mercado de trabalho. Eu sempre ficava preocupado, pensando em que iria trabalhar. Não tenho estudo, terminei a oitava série na marra. Além disso, talvez, no merca-

do de trabalho, como uma pessoa deficiente, eu não teria o mesmo reconhecimento que tenho hoje.

Em relação aos benefícios financeiros, quando eu comecei, eu e minha irmã não tínhamos dinheiro para comprar material. Tanto é que meu primeiro tênis foi dado por minha professora do instituto Smack. Ai, numa prova, teve um atleta que gostou desse tênis. Então, fiz uma aposta: se ele ganhasse, eu tinha que dar meu tênis, e se perdesse, ele tinha que me dar a sua sapatilha. Ganhei, e foi minha primeira sapatilha. Revezava com a minha irmã, ficava rodando no pé dela, mas era a única que tinha, não tinha o que fazer. Depois, as coisas foram mudando, o reconhecimento veio, o patrocínio veio, ganhei outra sapatilha, veio o apoio pelo CPB, que é a bolsa atleta. Além disso, com o esporte, eu pude viajar pra lugares que eu nunca pensei que iria.

Para quais países você já foi? Qual você mais gostou? Conte-nos das suas experiências!

A primeira vez que eu andei de avião foi para ir a uma competição, em Brasília. Nesse dia, a Telma, diretora do instituto Smack, me deu cinco reais para que eu tomasse um café. Eu não tomo café, mas cheguei no aeroporto e pedi um. A moça me respondeu: “Quatro reais”, e eu fiquei chocado, pensando: “Meu deus, que lugar caro é esse!”. Tudo era muito novo pra mim.

Quando eu viajei para a competição mundial, na Inglaterra, pareci uma eternidade, oito horas de vôo, e o avião balançava sem parar. Aí, coloquei uma coisa na minha cabeça: “Eu não vou morrer de queda de avião”. Desde então, o avião pode virar de ponta cabeça que vou estar cantando.

O país que eu mais gostei foi o Catar, apesar de eu ter passado uma fome miserável, foi o que eu mais gostei. Dá 50 graus na sombra, mas é um paraíso na terra. Lá, tinha muitas Ferraris, Lamborghinis, carros que eu nunca tinha visto, só de brinquedo mesmo. E os carros ficam sem trava, sem nada, tinha motorista que deixava até a chave no contato. A gasolina é 70 centavos, o litro, mas, em compensação, a água é quatro reais. A única

coisa que não gostei foi a comida. O feijão parecia ter sido temperado com açúcar queimado, o arroz era aquele amiguinho, bem grudadinho mesmo, e não tinha tempero nenhum. Aí eu vi que meu arroz é bom de mais. Outra coisa que gostei muito foi andar de camelo, essa foi a parte mais interessante.

E como é o apoio da confederação brasileira? Como você avalia a situação do Brasil em relação a isso?

Ano passado, eu tinha apoio pelo Plano Rio 2016, agora, eu tenho o apoio do Plano Brasil Medalha. Os valores são iguais, só muda o nome mesmo. Além disso, eu tenho patrocínio da caixa, que desde que eu comecei acreditaram no meu talento. E, agora, surgiu apoio do Time São Paulo, logo após a conquista da medalha de ouro. Em relação à situação do Brasil, para atletas de alto rendimento, a situação está excelente. Não temos do que reclamar. Para iniciantes, entretanto, a situação está bem difícil. Eu já passei por isso, cheguei a dormir na rodoviária por não ter condição de pagar uma passagem inteira. Tive que parar no meio do caminho, esperar o ônibus da prefeitura, que saía de Campo Grande, passar em Rio Pardo, para conseguir carona para chegar em Três Lagoas.

Sua irmã também participa desse esporte. Isso mudou a relação de vocês? Vocês ficaram mais próximos?

Eu e minha irmã, Sylvania, sempre fomos muito unidos, desde pequenos. Eu sempre quis ter um irmão e ela não se importava em largar as bonecas e brincar de carrinho comigo. Com isso, a gente criou um vínculo muito forte. Sempre fomos muito amigos, eu sempre acreditei muito nela, tanto é que eu incentivei muito ela a entrar no esporte. Eu coloquei as ferramentas certas na mão dela. E, hoje, ela é recordista mundial e também ganhou ouro nas olimpíadas.

Mês passado, nós abrimos um centro de treinamento para atletas, uma escolinha para alunos com deficiência. Nosso braço direito é a prefeitura de Três Lagoas. Minha irmã que cuida mais disso, porque ela ainda mora no Mato Grosso. Eu estou

residindo em São Paulo, então não dá muito para cuidar. Ontem, ela me deu um sobrinho, estou um tio babão, louco pra voltar pra lá.

Nosso braco direito é a prefeitura de três lagoas, enfim, graças a deus, estou melhor do que eu podia afirmar.

Sabemos que sua trajetória não foi nada fácil, você gostaria de nos contar quais foram suas maiores dificuldades?

Na época de escola, tudo era muito difícil. Eu sou do interior, então não tinha escola com acessibilidade. Meu colega do lado tinha que falar para mim o que estava escrito no quadro, e eu tinha que usar uma régua para não ficar tudo torto. Então, quando eu comecei no esporte, eu achava que estava indo muito bem. Até que eu descobri que estava sendo enganado. Muitas vezes, eu comia goiaba com sal, porque não tinha outra coisa pra comer, enquanto isso, meu treinador estava com 3, 4 patrocínios no meu nome e eu não sabia. Esse professor pedia 30% do que cada atleta conseguisse, então, funcionava assim: durante as competições, ele pedia pra eu colocar uma camiseta e explicava que funcionava como um currículo. Mas, na verdade, eu já tinha o patrocínio. Tudo veio à tona quando a pista de corrida foi desmanchada. Durante a reforma, eu não tinha onde treinar, então, fui no quartel, onde meu professor era personal. Quando cheguei lá, a pessoa que me patrocinava, uma empresária, me abraçou, sem saber, falando: “Olha, esse aqui é o atleta que nós patrocinamos, já vou entregar o cheque na sua mão.” E eu não sabia de nada. Enfim, nada foi fácil. Eu conto essa história, porque quero alertar as pessoas, não quero que ninguém passe pelo o que eu passei. Ainda mais que eu estava longe de toda minha família.

E sobre os melhores momentos? Como foi quando você soube que tinha ganho medalha de ouro?

Nossa, de toda a minha história no esporte, esse foi o momento de mais emoção. Se eu abrisse o olho, eu ia chorar muito. Quando eu estava no Catar, no campeonato mundial, eu fiquei em segundo lugar

até a última rodada de salto (são 6 saltos para cada atleta). Eu já estava esperando a medalha de prata. Ai eu saltei, fiquei em terceiro, e de terceiro fui para o quarto. O meu mundo veio abaixo. Mas o que mais me deixou triste naquele momento foi ouvir o recordista da prova dizendo pra mim: “é, brasileiro só entende de futebol”. Aí pensei: Lá no Brasil a gente se acerta então.

Depois desse campeonato, comecei a treinar muito pesado com meu professor. Eu só tive uma melhora significativa quando passei a ter disciplina e a ouvir mais meu professor. Treinei forte durante um bom período, ia pra academia de manhã, tarde e de noite, de segunda a sexta. De sábado, ia só meio período e domingo era meu dia de descanso. Eu treinei muito. Deixei de passar muitas datas comemorativas com a minha família para ir aos treinos. Quando cheguei nas Olimpíadas, eu não tinha o que me cobrar, eu estava muito bem treinado. Aí, falei pra mim mesmo: “Essa medalha de ouro tem dono, é minha, vim buscá-la e não saio daqui sem ela. Entrei com esse objetivo, e dominei a prova até o penúltimo salto, até que o americano Lex Gillette me passou, por 1 cm. Eu teria que saltar 6,45 cm pra recuperar minha medalha de volta e eu só tinha direito a um salto. Me concentrei e pensei: “Eu não vim aqui pra perder, todo meu trabalho não pode ser em vão”. Saltei 6,52 cm, já fiz uma diferença pra não falarem que eu ganhei por acaso. Abracei o americano, mostrei humildade e falei: “Espero que vc seja bem vindo”. E, pensei: “No pódio, vai ser hino nacional”.

O que muda na modalidade paralímpica em relação à tradicional?

Assim como na modalidade tradicional, existe um marco, em que a digital do meu pé é registrada. Eu não posso ultrapassar certo limite, tenho de saltar antes dele. É pra isso que eu tenho um guia, porque eu não tenho como saber onde é esse limite. Meu guia faz a contagem dos passos pra mim, cada vez que eu coloco meu pé esquerdo na frente, ele conta para mim. Meu guia é o Everaldo, que é meu professor também. Quando eu chego no oito, ele

sai da frente, e eu conto na minha cabeça o nove e o dez. Ai, já estou quase em cima da caixa de areia e tenho que saltar. Nas paralímpiadas, eu sabia que era ouro, porque quando eu faço minha contagem para o salto, gosto de contar com som prolongado “uuuum”. Perto de eu finalizar o som, eu senti que meu corpo ainda estava subindo. Ai eu já sabia, só fiquei com medo de ter batido na caixa de areia. Assim que acabou a prova, eu não parei de encher o saco do meu treinador. Queria chorar, gritar. Até que saiu o resultado, a arquibancada gritava “É Brasil”, ai eu tive certeza de que a medalha era minha.

Meu salto da vitória foi de 6.52 cm, mas sai de São Caetano, lugar onde eu treino, saltando 6,57 cmmas eu sai de sao caetano saltando 6. 57 cm. Meu desempenho não foi o mesmo nas Olimpíadas porque onde eu treino, cabe no máximo 300 pessoas, e lá no Rio, tinham 800 mil. Ninguém fica quietinho, e aquele monte de conversa atrapalhou na hora de ouvir a voz do guia.

Esse ano, a reitoria iniciou um projeto, em parceria com o CEPE, centro de práticas esportivas da USP, que busca incentivar os alunos da graduação a praticar esportes. O que você acha disso?

Concordo, concordo 100% . Às vezes, as pessoas que só ficam do trabalho para casa e de casa para o trabalho, não tem uma saúde boa. Esse programa vai ajudá-lo a se desenvolver com o esporte, e esportes que existem, paralímpicos e olímpicos. Eu achei muito importante, muito funcional! Vai ajudar muito mesmo, não só para o esporte e atletas, mas para os estudantes que vão participar do projeto!

Em junho, acontecerá o Interusp, uma das competições mais importantes do meio universitário. Os atletas da Poli se preparam o ano inteiro para isso. Tem algo que você gostaria de falar para eles?

Olha, minha vida foi determinada por Deus, mas os meus objetivos são determinados por mim mesmo. Quando eu determinei que ia ser atleta, ninguém falou que ia ser fácil. O mesmo vale pra

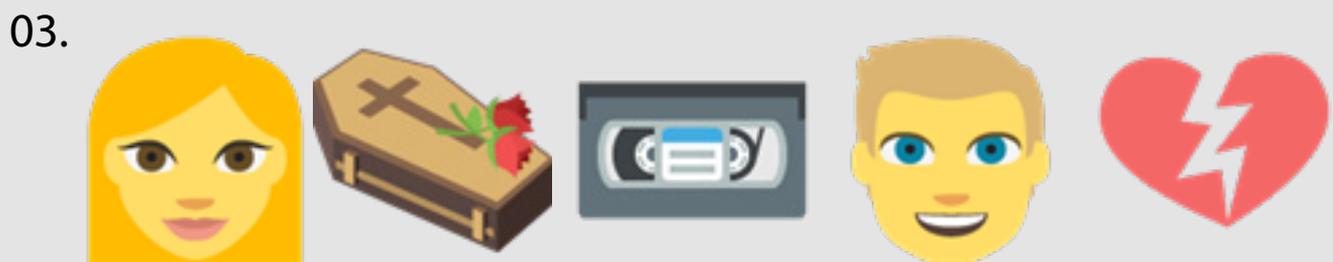
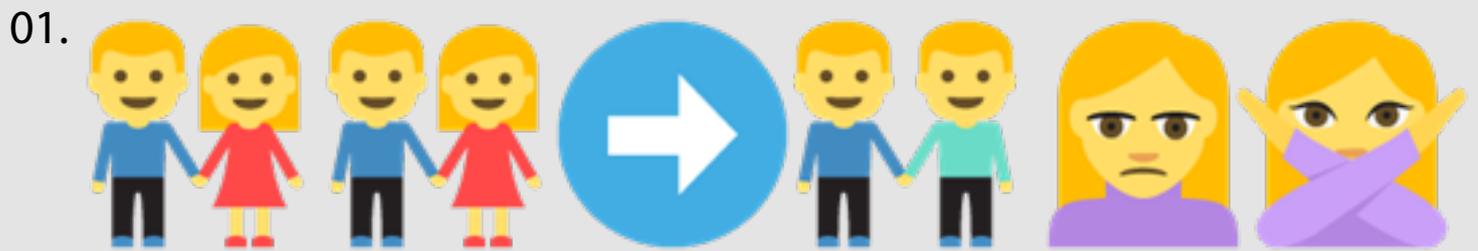
vocês, quando determinaram que iam entrar na faculdade, ninguém falou que ia ser fácil. Então, pra eu chegar onde eu cheguei, foi porque eu tive muita determinação, muita raça, chorei, fiquei com fome, dormi em rodoviária, mas hoje eu abraço minha vitória e tenho certeza de que vale a pena. Vale a pena todos vocês lutarem pelos seus direitos, pelos seus objetivos. Ouçam mais seus pais, seus avós, seus professores. E tudo o que vocês forem fazer, façam com carinho, com vontade. Não acordem assim: “ai meu Deus do céu, hoje eu tô numa preguiça, bem que podia ser sexta feira”. Tirem isso da cabeça.

Quando isso acontece comigo, eu falo:” vou rolar da cama pra cair”. Rolo, caio da cama, tomo um banho gelado, ponho minha mochilinha e vou pro treino. O professor fala: “você vai fazer cinquenta voltas na pista”. Eu faço cinquenta voltas na pista, e sempre dou o meu melhor. Pra mim, a pior coisa da minha vida é eu sair do treino me cobrando: “Poxa, eu poderia ter feito melhor”. Eu não deixo isso acontecer. Não sou guiado pelos olhos, mas sim pela fé, eu tenho muita fé, traço meus objetivos e vou a luta. Eu não tenho medo de atravessar uma rua, penso: “se tanta gente atravessa uma rua, porque eu vou ter medo?”. Quantas vezes eu já cai de cavalo, mas nem por isso deixei de subir de volta. Então, o que eu acho fundamental para todos vocês: Nunca deixem os outros fazerem por você, o que você gostaria de ter feito.

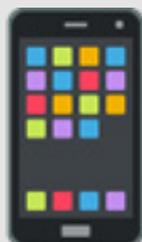


QUAL É A SÉRIE? JOGUINHO

Por Clarissa Mendes, Daniela Souza e Fernando Ferri



07.



08.



09.



10.



Oitava edição
31 de maio de 2017
Centro Acadêmico da Engenharia de Produção
Escola Politécnica - USP

Design por Marcela Okuyama
Diagramação por Beatriz Ota
Revisão por André Navarro, Daniela Souza,
Fernando Ferri, Flávia Barochel e Giuliana Zugliane